

# É PRECISO AMPLIAR O CÂNONE DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

## Reflexões sobre uma aventura para *Além do Cânone*

Celso Castro<sup>1</sup>

Em fevereiro de 2022 foi publicado, pela FGV Editora, o livro *Além do Cânone: para ampliar e diversificar as Ciências Sociais*, por mim organizado. No presente texto, escrito oito meses depois, apresento a concepção do livro e faço algumas reflexões sobre – e a partir de – sua recepção. Nesse período, participei de vários eventos de divulgação do livro, como lançamentos, palestras e *lives*. Também saíram notícias, matérias ou *posts* em veículos da mídia tradicional ou em redes sociais. Finalmente, recebi mensagens de muitos estudantes, pesquisadores e professores de Ciências Sociais, mas também de um público menos específico, interessado no tema.

Essa experiência, extremamente rica e prazerosa, me estimula a continuar a discussão sobre o livro e o que ele representou para mim enquanto projeto acadêmico-intelectual-existencial. Além disso, buscarei também refletir sobre como, no meu entender, ele foi recebido e que efeito potencial pode ter junto à comunidade interessada nas Ciências Sociais.

\*

Chamo de “cânone” o conjunto de autores consagrados como pioneiros, fundadores, clássicos ou essenciais na história das Ciências Sociais em geral, ou das disciplinas geralmente nelas incluídas – Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Os adjetivos podem variar, mas a ideia básica é mesma: de que são fundamentais na formação de cientistas sociais. São os autores geralmente presentes nas ementas de cursos ou em coletâneas sobre a história das Ciências Sociais. Uso o gênero masculino – os autores – porque são, em sua grande maioria, homens. Mais que isso, também são quase todos brancos e ocidentais; num sentido mais restrito, europeus ou norte-americanos. Essa tripla marca identitária tem sido uma característica do cânone das Ciências Sociais.

O cânone tem uma forte tendência inercial a se autorreproduzir. Estudantes aprendem a reconhecer em seus cursos de formação esses autores como fundamentais; utilizam-nos depois em seus trabalhos e teses; quando eventualmente se tornam professores, tendem a reproduzir em suas aulas o cânone, que também aparece com grande frequência em exames de seleção ou concursos da área.

É evidente que em tempos mais recentes autoras e autores que não se enquadram nesse padrão dominante – de homens, brancos e ocidentais – têm sido crescentemente afirmados e inseridos na bibliografia. São, contudo, em seu conjunto, geralmente mais contemporâneos e presentes sobretudo em disciplinas eletivas ou de recortes temáticos específicos, tanto na graduação quanto principalmente na pós-graduação, ou em leituras feitas no âmbito de laboratórios,

---

<sup>1</sup> Professor da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas FGV CPDOC. Agradeço os comentários de Ruben Oliven sobre o texto.

núcleos ou oficinas de pesquisa. Dificilmente aparecem inseridos na “grande tradição” dos clássicos da disciplina, na bibliografia presente nos cursos básicos de formação.

Comecei meu curso de Ciências Sociais em 1981 e terminei o doutorado em Antropologia em 1995. Ao longo desse período, fui apresentado a autores como Comte, Tocqueville, Morgan, Marx, Durkheim, Weber, Simmel, Malinowski, Lévi-Strauss, Goffman, Bourdieu e outros que permanecem até hoje no cânone, sem grandes alterações. Tornaram-se, assim, referências obrigatórias para a história da disciplina e para a formação de jovens cientistas sociais.

Sempre fiz questão de afirmar a importância desses autores e a necessidade de se conhecer e estudar o cânone. Ele é respeitável e imprescindível para as Ciências Sociais. Deixo isso claro desde o primeiro parágrafo da apresentação do livro, e sempre repito todas as vezes que falo sobre ele:

“Esta não é uma coletânea contra o cânone tradicional das ciências sociais, nem que pretenda ser alternativa. Os autores tradicionalmente considerados clássicos têm seus motivos e méritos para tal. São fundamentais para qualquer aprendizado sério das ciências sociais. Gosto muito deles e já organizei duas seleções de “textos básicos” de sociologia e antropologia seguindo essa tradição.<sup>2</sup> Eles não são, contudo, os únicos autores que podemos e devemos conhecer hoje, se quisermos ter uma visão mais abrangente e diversificada das ciências sociais.” (p. 9)

O livro, portanto, não é *contra* o cânone, que considero fundamental. Mas, cabe perguntar: onde estão, dentre os “clássicos” das Ciências Sociais, as mulheres, os não-brancos e não-ocidentais? O que o livro pretende é ir *além* do cânone, de forma a ampliá-lo e diversificá-lo: o título não poderia ser mais claro. Mas qual foi a motivação para organizar o livro, e que critérios adotei para a seleção das autoras e autores nele incluídos? Procurarei responder a essas questões a seguir.

\*

*Além do Cânone* não foi fruto de um pedido ou encomenda, ao contrário dos dois livros que organizei para a Zahar. Neste caso, a editora já havia publicado outros livros na coleção “Textos básicos” – de Filosofia, Ética, Linguagem – e pediu-me para organizar um de Sociologia. Dado o sucesso editorial e a boa recepção do livro, a editora pediu-me em seguida para organizar o de Antropologia. Ambos já tiveram várias edições e foram bem recebidos pela comunidade de cientistas sociais.

Vale a pena abrir um parêntese para dizer que o mundo das Ciências Sociais e o mundo editorial que publica Ciências Sociais são diferentes. É comum imaginar-se que os mesmos critérios e prioridades do mundo acadêmico se transferem para o mundo editorial. Nada mais equivocado. Numa editora, principalmente porém não exclusivamente nas comerciais, entram em cena considerações fundamentais como identificação de público potencial, expectativa de venda e custos de produção. Neste último quesito, número de páginas, qualidade da capa e do papel, inclusão de imagens, presença de custos de tradução ou de liberação de direitos autorais, dentre outros, são necessariamente levados em consideração. Em seu conjunto, limitam e orientam aquilo que é possível fazer quando se pensa em organizar um livro. É ingênuo imaginar que basta

---

<sup>2</sup> *Textos básicos de sociologia* (Rio de Janeiro: Zahar, 2014) e *Textos básicos de antropologia* (Rio de Janeiro: Zahar, 2016).

enviar para a editora uma lista de textos a serem incluídos numa coletânea, aguardar ficar tudo pronto e, ao final, apenas escrever uma apresentação.

Mesmo diante dessas características, que podem implicar grande interação com a editora em todo o processo editorial, tive grande satisfação em organizar esses dois livros, e fico muito contente em ver que têm sido muito utilizados em cursos de formação. Contudo, dentre os 47 autores presentes nos dois livros, há apenas uma mulher, Ruth Benedict. Pensei em inserir no livro de antropologia mais duas: Margaret Mead e Mary Douglas. No caso de Mead, já havia incluído um texto seu em outro livro que organizei, publicado no ano anterior;<sup>3</sup> quanto a Mary Douglas, não foi inserida por dificuldades na liberação de direitos. De qualquer forma, mesmo que as duas tivessem sido incluídas, teríamos apenas 6% de mulheres.

Não se trata de um viés “androcêntrico” apenas meu. Como disse, ele está presente no cânone, que se autorreproduz entre os profissionais das Ciências Sociais. Em 2015 e 2018 a Editora PUC-Rio publicou, respectivamente, as coletâneas *Os antropólogos* e *Os sociólogos* em sua coleção de “Clássicos do Conhecimento”. O livro sobre os antropólogos foi organizado por Everardo Rocha e Marina Frid; o sobre os sociólogos, por Sarah Silva Telles e Solange Luçan de Oliveira. No total, somados os dois livros, foram incluídos capítulos sobre 41 autores “clássicos”, dentre os quais apenas 3 mulheres. Além disso, todos brancos e ocidentais.

Não cabe discutir, nos limites deste texto, as razões desse desequilíbrio em termos de gênero, e que se reproduz em termos de raça ou etnia e de uma certa “geopolítica do conhecimento”. Sem dúvida, o processo histórico de institucionalização das Ciências Sociais refletiu as condições sociais e os privilégios mais gerais das sociedades patriarcais, colonialistas e imperialistas no seio das quais se desenvolveu. Esse é o principal motivo para não termos ainda hoje, na grande tradição das Ciências Sociais, a presença de mães fundadoras, de autoras e autores não-ocidentais, ou não-brancos. Isso envolveu processos de “silenciamento”, “apagamento”, “esquecimento”, “exclusão”, “genocídio epistêmico” ou outros termos presentes em análises que buscam explicar esse fato.

A percepção cada vez mais clara dessas desigualdades é motivo de forte, ampla e merecida contestação na contemporaneidade. Desenvolveram-se nas últimas décadas importantes perspectivas associadas a movimentos autodenominados de “crítica feminista”, “decoloniais”, “antirracistas”, “epistemologias do Sul” e outros, que unem reflexão acadêmica a um intenso ativismo e militância políticos. Esses movimentos levam a que se repensem critérios e que sejam desconstruídas narrativas e tradições hegemônicas nas Ciências Sociais.

É preciso que se tenha, contudo, cuidado para não se desprezar e eventualmente descartar o cânone tradicional, bem como para não reproduzir alguns dos vieses acima assinalados. Isso aparece, às vezes, em coletâneas de recortes específicos como os de “antropólogos negros”, “sociólogas mulheres” e semelhantes. Apenas para dar um exemplo: o livro *The Women Founders: Sociology and Social Theory, 1830-1930*, organizado por Patricia Madoo Lengermann e Jill Niebrugge-Brantley,<sup>4</sup> de que gosto muito, inclui textos de 15 mulheres. Todas, porém, norte-americanas ou europeias. Não havia, para as organizadoras, nenhuma mulher da América Latina, África ou Ásia que pudesse ser incluída no livro?

No caso de *Além do Cânone*, procurei ser “ecumênico”, selecionando autoras e autores que podem estar presentes nesses “recortes” mais específicos, mas não me limitando a apenas um deles. Isso ocorreu principalmente porque não sou especialista em nenhum desses novos

---

<sup>3</sup> *Cultura e Personalidade - Margaret Mead - Ruth Benedict - Edward Sapir*. (Rio de Janeiro: Zahar, 2015).

<sup>4</sup> Waveland Press, 2007.

campos de reflexão e produção de conhecimento. Além disso, não se tratava de ser aderente a alguma militância ou ativismo intelectual de base identitária. O livro bebeu em todas as fontes situadas “além do cânone”. As autoras e autores nele incluídos o foram, a meu ver, porque considerarei que são (e a seus textos)  *muito bons*, merecedores de participar de um cânone mais alargado, diversificado e inclusivo pela qualidade de suas obras. Acima de tudo, por nos ajudarem a compreender melhor a realidade social. Nessa seleção, assumo plenamente minha subjetividade e as opções que fiz, e que comento a seguir.

\*

Acabei adotando, na organização do livro, alguns critérios que só ficaram mais claros ao longo no caminho, ou mesmo após seu final. Decidi de início que não entrariam no livro autores já presentes no cânone, ou outros que tivessem as três marcas que lhes são comuns: homens, brancos e ocidentais. A partir desses critérios excludentes, selecionei autoras e autores de alguma maneira pioneiros ou muito relevantes em seus países/tradições, porém praticamente desconhecidos no Brasil e ausentes dos cursos de formação e de suas bibliografias tradicionais. Em relação aos textos selecionados, priorizei aqueles que tratassem de temas relevantes atualmente, no debate contemporâneo. Nesse sentido, o livro tem alguns eixos temáticos principais: a condição da mulher; raça e racismo; visões alternativas da modernidade; a gênese e a dinâmica de movimentos autoritários de tipo fascista; e as condições da pesquisa de campo, especialmente para mulheres investigadoras.

*Além do Cânone* se abre com um texto de Harriet Martineau, que considero a fundadora das Ciências Sociais. Ela publicou, em 1837 e 1838, respectivamente, dois livros espetaculares: *Society in America* e *How to Observe: Morals and Manners*. O primeiro, uma obra de análise baseada em extensa investigação empírica; o segundo, um manual sobre o método da pesquisa social. Com isso, a meu ver, Martineau criou uma disciplina científica.

Em 1839 Auguste Comte utilizaria, na 47ª lição de seu *Curso de Filosofia Positiva*, a palavra “Sociologia” para designar uma nova ciência, vista por ele como complementar à filosofia natural, e que deveria tratar do “estudo positivo de todas as leis fundamentais específicas dos fenômenos sociais.” Por esse motivo, ele é muitas vezes considerado, na história da sociologia, como seu “fundador”. Comte, no entanto, pouco fez além de usar a palavra e sugerir o escopo da Sociologia. Ele nunca realizou, em Sociologia, o que Martineau fez: estabelecer um método e exemplificá-lo com uma pesquisa empírica que demonstrasse a pertinência desse método. Émile Durkheim certamente fez isso quando publicou *As regras do método sociológico*, em 1895, e um estudo empírico exemplar, *O suicídio*, em 1897 – seis décadas, porém, depois de Martineau. Ela, aliás, já afirmara, muito antes de Durkheim, aquilo que considerava uma regra fundamental da investigação sobre a vida social: “O grande segredo da investigação sábia sobre a moral e os costumes é começar com o estudo das COISAS, usando o DISCURSO DAS PESSOAS como comentário sobre elas” (com as maiúsculas no original).

O caso de Martineau serve também para desfazer uma ideia equivocada a respeito das autoras e autores inseridos em *Além do Cânone*: a de que não tiveram visibilidade pública, ou de que estiveram às margens ou mesmo isoladas em relação ao centro dos autores e instituições das Ciências Sociais de suas épocas, ou daquilo que ainda era visto, de forma menos institucionalizada, como “pensamento social”. Martineau publicou dezenas de livros, vendendo, em sua época, mais do que Charles Dickens. Contemporânea de Comte, em 1850 ela fez uma versão condensada para o inglês do *Curso de Filosofia Positiva*. De forma muito livre, porém extremamente hábil, Martineau condensou o original de seis para dois volumes, de 4 mil para mil páginas. O resultado ficou tão bom que o próprio Comte fez publicar, em francês, uma

tradução da versão feita por Martineau, e que é praticamente a única desde então publicada, e muitas vezes injustamente creditada como mera “tradução” de Harriet Martineau.<sup>5</sup>

O segundo capítulo do livro traz um texto do antropólogo negro haitiano Anténor Firmin, que esteve na França entre 1883 e 1885, ocasião em que se tornou membro da Société d’Anthropologie de Paris (Sociedade de Antropologia de Paris), centro do racismo científico, à época hegemônico. Lá, Firmin apresentou as teses que publicou, em 1885, em seu livro *Da igualdade das raças humanas*. O título era uma óbvia referência crítica ao *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, do conde Arthur de Gobineau. Ao longo de 685 páginas, Firmin desmontou ponto a ponto todas as postulações do racismo pretensamente científico que afirmava a desigualdade entre as raças. Desde então, sua obra viveu um “silenciamento” que a fez praticamente desaparecer da história da antropologia. O livro de Firmin só viria a ter uma nova edição na França em 2004!

Já Marianne Weber é geralmente mencionada apenas como “a mulher de Max Weber”, por ter editado a maior parte das obras do marido após sua precoce morte, em 1920, e de ter escrito uma monumental biografia de Max, publicada em 1926. Muito menos conhecido é o fato de que Marianne também foi autora de uma vasta obra sociológica, centrada principalmente no estudo da condição da mulher na sociedade patriarcal. Seu principal livro, *Esposa e mãe no desenvolvimento jurídico* (1907), representa um vigoroso ataque ao patriarcado e uma defesa da igualdade no casamento. Em 1924, Marianne recebeu um doutorado honorário pela Universidade de Heidelberg, nobilitação então rara para mulheres. Além disso, ela ainda foi uma importante ativista feminista, tendo sido eleita em 1919 presidente da Federação das Associações de Mulheres Alemãs, e foi a primeira mulher alemã eleita para uma assembleia estadual (a do estado de Baden, pelo Partido Democrático Alemão). Sua casa também era ponto de encontro da elite intelectual da época, como o casal Gertrud e Georg Simmel.

Outro caso de outro “esquecimento” historiográfico da tradição das Ciências Sociais refere-se à obra de Jane Addams. Ela foi membro da American Sociological Association desde sua fundação, em 1895, e contribuiu com vários artigos para a revista da associação, o *American Journal of Sociology*. Ao todo, escreveu onze livros. Vivendo em Chicago, Addams teve uma intensa interação com personagens (praticamente todos, homens) que depois se consagrariam como a primeira geração da famosa “Escola de Sociologia de Chicago”, fruto do primeiro departamento de sociologia (e antropologia) nos Estados Unidos, criado na Universidade de Chicago em 1892. Por fim, e não menos importante, ainda recebeu o prêmio Nobel da Paz de 1931!

Não cabe, aqui, mencionar todos os autores e autoras selecionados para o livro. Creio que esses quatro exemplos servem para deixar clara a importância e visibilidade que tiveram em suas épocas e contextos, e os inúmeros vínculos – depois esquecidos ou silenciados, certamente marginalizados – com o que viria a ser consagrado como o “centro” da disciplina, e de onde provém seu cânone, do qual não fazem, até hoje, parte.

\*

Não me lembro exatamente de quando e porque tive a ideia de organizar o livro. Recordo-me de quando já tinha em mente três ou quatro nomes selecionados, que depois passaram a sete, depois a onze, até chegar a 18, depois reduzidos, por razões editoriais, aos 16 que foram

---

<sup>5</sup> No caso de Martineau, felizmente já contamos com textos originais, publicados por Fernanda H. Alcântara (ver seu blog <https://fernandahcalcantara.blogspot.com/>) e no livro *Clássicas do pensamento social*, organizado por Verônica Toste Daflon e Bila Sorj (Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2021).

publicados.<sup>6</sup> Foi um processo de busca e descoberta que durou cerca de três intensos meses, de maio a início de agosto de 2021, nos quais fui movido acima de tudo por um sentimento de *paixão* por esse projeto – não encontro palavra melhor para definir o que senti, e que ainda sinto. Foram meses de descoberta e de aprendizado que me fizeram ver, 40 anos depois de ter iniciado o meu curso de graduação, a enorme dimensão da minha ignorância em relação às possibilidades que as Ciências Sociais podem nos oferecer como instrumento de conhecimento da realidade social.

Não tenho vergonha de admitir que desconhecia praticamente todas as autoras e autores que selecionei e incluí no livro. Tinha 57 anos de idade, quatro décadas de leituras em Ciências Sociais e uma carreira acadêmica e profissional bem sucedida sob vários critérios – professor titular, bolsista de produtividade em pesquisa, diretor de uma importante instituição da área, com vários livros publicados etc. Pude perceber, mais do que minha ignorância em relação a tanta coisa que se há para conhecer além do cânone, que sempre é possível nos reinventarmos e renovarmos, e com isso abrir novas perspectivas de conhecimento. As Ciências Sociais permitem ao mesmo tempo conhecer o mundo e nos cultivarmos nesse processo. Elas nos convidam a uma aventura intelectual e existencial apaixonante e que vale a pena ser vivida, apesar de todas as dificuldades.

Muitos colegas e alunos também me disseram que não conheciam a maioria, senão todos, os autores e autoras incluídos no livro. Alguns já foram mais “recuperados” por grupos de estudo e pesquisa, especialmente em determinados países. É difícil, por exemplo, encontrar um programa de curso ou coletânea em sociologia publicada recentemente nos Estados Unidos que não inclua W. E. B. Du Bois; ou um intelectual, no mundo muçulmano, que não conheça a obra de Jalal Jalāl Āl-e Aḥmad; ou um cientista social, na Turquia, não saiba da importância de Şerif Mardin. Mas basta constatar que, no Brasil, a quase totalidade dos autores e autoras presentes no livro, bem como seus textos, não havia sido publicada e, menos ainda, estavam presentes nas ementas dos cursos de formação. Esse desconhecimento, não só entre o “grande público” interessado em Ciências Sociais, mas mesmo entre seus profissionais e estudantes, me levou a ter que escrever um total de 63 páginas de apresentações e inserir 120 notas explicativas no livro, para além dos textos originais em si.

\*

Pude constatar, desde a publicação do livro, uma enorme demanda por parte de estudantes, pesquisadores e professores por textos de autoras e autores “diferentes” dos que estão no cânone. Isso ficou evidente na recepção do livro. Acho, porém, importante colocar a questão de como podemos ampliar o cânone. Não tenho a ilusão de que um livro seja bastante. É preciso que haja todo um “movimento” que faça com que mais textos, autores e autoras “além do cânone” sejam traduzidos para o português e incluídos nas disciplinas de cursos de formação, principalmente na graduação, onde há menos facilidade na utilização de textos em línguas estrangeiras.

Como disse, em matérias eletivas, principalmente na pós-graduação, e em grupos de pesquisa com temáticas mais renovadoras, já se avançou muito. Estou convencido, porém, de que é preciso, para de fato ampliarmos o cânone, que novos autores e autoras sejam incluídos nas bibliografias dos cursos de formação em Ciências Sociais, com textos traduzidos para o português. Com isso, poderão passar a serem conhecidos não apenas por especialistas, mas pela

---

<sup>6</sup> Por motivos diversos, prefiro não revelar os dois autores que acabaram não entrando nesse livro, mas posso dizer que eram um brasileiro e um argentino.

maior parte dos estudantes da área. A esse respeito, ainda há muito a ser feito, num trabalho ativo e coletivo de ampliação de nosso cânone.

Espero que o livro se junte a muitas outras iniciativas semelhantes e que, em seu conjunto, esse “movimento” ajude a formar cientistas sociais numa perspectiva mais ampla, diversa e colorida do que aquela que presidiu minha formação. E, mais importante, que desperte nos nossos estudantes o mesmo sentimento que essa aventura me deu: uma renovada paixão pelo mundo, vasto mundo, das Ciências Sociais.